



## O Espetáculo da Diversão<sup>1</sup>

Fabiola MENEGUSSO<sup>2</sup>

Emerson CASTRO<sup>3</sup>

Universidade Positivo, Curitiba, PR

### RESUMO

A riqueza de tradições e a incessante luta diária fazem do circo um local de diversão e cultura. Envolver o público a partir de alguns truques e malabarismos é mais do que um simples espetáculo, é o motivo pelo qual os artistas não abandonam essa prática milenar. Apesar de novas opções de lazer e entretenimento estarem presentes na vida da população, sempre há um espaço para o circo. Depois de tanto tempo, o público continua rindo com os palhaços, ficando aflito com os números de perigo e encantado com os malabares. A magia e o encantamento continuam vivos. Histórias tristes, engraçadas, inusitadas, são vidas dedicadas à arte. O equilíbrio entre a ficção inventada e a realidade circense escondido atrás das cortinas é revelado pela autora.

**PALAVRAS-CHAVE:** livro-reportagem; perfil; circo; arte; comunicação.

### 1 INTRODUÇÃO

O trabalho trata de um livro-reportagem. O tema principal é o circo e as suas ramificações. A história mostra que essa organização teve que alterar sua estrutura e seu espetáculo para se manter vivo e continuar atraindo uma plateia cada vez mais heterogênea.

Torres (1998), em seu livro “O Circo no Brasil”, faz um breve relato histórico do surgimento do circo no mundo. Segundo ele a arte circense surgiu na China, há quase 5.000 anos. Lá foram descobertas pinturas em que aparecem acrobatas, contorcionistas e equilibristas. Essa era uma forma de treinamento para os guerreiros, que com o tempo foi aperfeiçoada e começou a parecer com o circo.

A evolução dessa arte se deu em vários países. No Egito, pinturas que remetiam a esse tema estavam nas paredes. Para muitos historiadores foi nesse período que surgiram os primeiros domadores. Eles apareciam em desfiles militares aonde os faraós exibiam animais ferozes das terras conquistadas. Há também documentos que comprovam que nesse período, na Índia, o contorcionismo fazia parte de espetáculos sagrados. Já na Grécia,

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Edição de Livro.

<sup>2</sup> Fabiola Menegusso, formada no Curso de Jornalismo, email: fabi\_menegusso@hotmail.com.



números de força e equilíbrio faziam parte de modalidades olímpicas. Além disso, foi lá, que surgiram os primeiros palhaços. Eles eram sátiros, que em suas apresentações, faziam o povo rir. No ano 70 a.C., em Pompéia, um anfiteatro era destinado a exibições de habilidades incomuns. Depois, iniciaram as apresentações do Circo Máximo de Roma. O local foi destruído e os shows de excentricidades com homens louros nórdicos, animais engolidores de fogo e gladiadores passaram a acontecer no Coliseu.

Na Europa grupos saltimbancos percorriam a Inglaterra, França e Espanha. Exibições de destreza de cavalo, combates simulados e provas de equitação eram apresentados. Em Londres, no ano de 1770, foi inaugurado, por um oficial inglês da Cavalaria Britânica, o primeiro circo europeu, o *Astley's Amphitheatre*. Os espetáculos equestres eram a especialidade desse grupo.

No Brasil, ciganos que fugiram da Europa mostravam suas habilidades. Números de ilusionismo, doma de ursos e exibição de cavalos faziam parte do show. Eles viajavam de cidade em cidade e adaptavam seus espetáculos ao gosto da população local. O circo com suas características tradicionais passou a ser apresentado no final do século XIX. Eles se instalavam nas periferias e os shows eram voltados para as classes mais populares. O circo brasileiro tropicalizou algumas atrações. Os números perigosos e os palhaços faziam mais sucesso neste país.

O nomadismo é outra característica marcante dessa estrutura circense. Essa foi uma válvula de escape que os circenses tradicionais encontraram para diminuir problemas financeiros, como aluguéis de terrenos e retorno de bilheteria. Para Baroni (2006), o nomadismo não é uma simples alternativa de sobrevivência, mas também uma construção cultural dos ciganos e saltimbancos.

Em 1988 existiam mais de 16.000 livros sobre circo (COXE, 1988). Esses dados se referiam principalmente às produções e publicações sobre o tema realizadas na Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e alguns países asiáticos. A bibliografia do circo na América Latina, em particular no Brasil, é muito mais modesta. Ela tem muitos títulos com edição esgotada e autores com dificuldade de publicação e divulgação dos materiais que são produzidos atualmente. Autores como Antonio Torres, Ermínia Silva e Daniele Pimenta são os estudiosos de circo mais importantes no Brasil.

Há alguns anos, o circo ocupava uma posição privilegiada entre todas as formas de diversão existentes. Com o surgimento de novas tecnologias e outras opções de entretenimento, essa arte teve que se transformar, para continuar atraindo a atenção dos espectadores. Não só o público e os espetáculos se alteraram, a organização do circo



também sofreu rupturas e deu origem a inúmeras classificações que serão detalhadas a seguir. Em “O Espetáculo da Diversão”, os modelos de circo abaixo são retratados por meio de depoimentos de seus próprios integrantes.

O circo tradicional ou familiar ficou conhecido por esse nome por agrupar membros da mesma família, que ao longo de gerações “herdam” a arte circense. Essas pessoas privilegiam um envolvimento exclusivamente familiar, que vai além do espetáculo. Baroni (2006) comenta que a família é responsável também pelos afazeres do circo, ou seja: preparação do espetáculo, manutenção dos materiais e ensino-aprendizagem desta arte.

Para Magnani (2003), esse grupo circense apresenta espetáculos que possuem desde a exibição de animais até artistas de trapézio, malabares, entre outros. O autor ainda cita que é possível existir laços familiares mesmo quando não há consanguinidade. Nesse espaço cultural trabalham atores, músicos, malabaristas, trapezistas, acrobatas, domadores e outros profissionais que acabam formando uma estrutura familiar em que todos se ajudam e convivem juntos.

A forma de organização familiar e de aprendizagem constituía um suporte, garantindo que cada circense tivesse noção da totalidade de seu universo, e da sua individualidade como parte de um todo. O núcleo familiar circense, incorpora uma outra familiaridade - o conjunto das outras famílias que compartilham do mesmo saber secular e iniciático (SILVA, 1996, p. 56).

Outra característica importante do circo tradicional é que os familiares ou as pessoas que compõem essa estrutura, não aprenderam a arte circense em escolas profissionalizantes. Todo o aprendizado é transmitido de pai para filho ou por outros membros da mesma organização.

Não perder público para as novas tecnologias e opções de entretenimento, foi um desafio. Por isso, o circo teve que transformar seus espetáculos. Essa transformação começou no Brasil na década de 80, com a criação da Escola Nacional do Circo, no Rio de Janeiro. Muitos jovens, filhos de proprietários de circos familiares passaram a se profissionalizar e técnicas do teatro e da dança começaram a fazer parte dos espetáculos. Hoje, o circo tradicional ou familiar passa por um processo de profissionalização. Essa mudança, aos poucos, está dando lugar ao Circo Novo ou Circo Contemporâneo.

As escolas de circo passaram a formar artistas que não pertenciam a nenhuma família, mas que estavam sendo requisitados pelo mercado circense para atender a demanda. “O surgimento das escolas especializadas proporciona um maior intercâmbio de conhecimentos, uma diversificação das modalidades, dos estilos, e fundamentalmente



concretiza um conhecimento mais sistemático, organizado e talvez científico” (BORTOLETO; MACHADO, 2003, p. 50).

As mudanças estruturais no espetáculo também foram visíveis. O Circo Contemporâneo, além de inserir elementos da música, da dança e do teatro, também mudou a estética e inovou com a luz e o som. O Circo Novo surge por meio de uma experiência pela qual os artistas circenses podem trabalhar em conjunto com outras áreas, como por exemplo, profissionais de educação física, esportistas da ginástica olímpica e artistas de rua. Um exemplo disso é o Cirque Du Soleil, grupo de origem canadense, surgido em 1984, em Quebec. Ele é expoente de um movimento internacional que alia circo, dança, teatro e artes gráficas: o Novo Circo. John Bacon relata as mudanças que o Cirque du Soleil passou nos últimos anos para atrair novos espectadores. “Somos uma empresa de entretenimento criativo; passamos a criar espetáculos a partir dos sonhos, talentos e paixões dos nossos artistas e criadores” (BACON, p.8, 2006).

O Circo-Teatro é outra divisão que teve início com artistas que queriam trabalhar com peças teatrais circenses, vistas nos antigos circos de lona. Ele é uma forma de representação artística popular feita para a plateia. Para Pimenta (2003), o circo-teatro foi uma estruturação do espetáculo e do espaço circense para apresentar separadamente números circenses tradicionais e peças de teatro. Essa estrutura circense possui uma linguagem de fácil entendimento. Trata-se de uma arte que foi criada na prática, na encenação e no improviso entre os artistas, que utilizam elementos circenses no palco do teatro.

Segundo Pimenta (2003), a estrutura física do circo-teatro lembra a arquitetura do teatro grego, com a distribuição circular da platéia em torno da orquestra, área circular à frente da cena, da mesma forma que se dispõem picadeiro e palco no circo. O Circo dos Irmãos Queirolo é um exemplo de circo-teatro.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo geral é promover, por meio de um livro-reportagem, a arte circense e mostrar ao público as diferentes formas e estruturas dessa organização cultural e de entretenimento. Já os objetivos específicos são: resgatar as raízes culturais, antigas e recentes das famílias circenses; classificar os circos que participaram do livro-reportagem; proporcionar um meio de comunicação em que a comunidade circense se identifique; oferecer maior ligação entre a comunidade e os circos; apresentar a história de famílias que



fazem da arte do circo o seu sustento; mostrar como é a rotina dos artistas circenses; desmitificar preconceitos contra os artistas do circo e trazer à luz questões de sobrevivência em relação ao circo.

### **3 JUSTIFICATIVA**

Circulando por espaços da cultura erudita e popular, a arte circense impressiona pela grande variabilidade de atrações e o rico campo de referências culturais utilizado. Ao longo desse caminho, um ponto é comum para todas as organizações circenses, a falta de investimento público. Esse é um dos fatores, que segundo eles, pode prejudicar a modernização e divulgação dessa arte. O apoio da Fundação Nacional de Arte (Funarte) não chega a todos os circos e quando chega, não é suficiente para manutenção de materiais físicos, como a lona e o picadeiro, por exemplo. Por isso, muitos deles estão encontrando na iniciativa privada e na organização do circo como empresa, alguma forma de incentivo.

O desconhecimento sobre a arte circense na mídia faz com que essa cultura, aos poucos, se perca. Além de ser uma forma de divulgação, o livro reportagem se propõe a resgatar as raízes culturais antigas e recentes e desmitificar esse tipo de organização cultural. Segundo Castro (2005), atualmente existem mais de 2.000 circos espalhados pelo Brasil. Estima-se um público anual de 25 milhões de espectadores. Com esses números é possível perceber que a cultura circense faz parte do cenário brasileiro. Mas poucos sabem o caminho que os circos tiveram que percorrer ao longo dos anos para se manterem ativos.

### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O trabalho foi realizado por meio de pesquisas teóricas, procedimento que iniciou em outubro de 2009, buscando os interesses dos artistas circenses. Uma pesquisa de campo foi realizada desde o início de março de 2010. Ela teve como objetivo descobrir vínculos familiares e estruturas diferentes, que compõem o contexto destes espaços de entretenimento. Por meio de entrevistas, inicialmente, foi possível classificar os circos em duas estruturas: o circo tradicional, formado basicamente por membros da mesma família e o circo contemporâneo, que traz inovações performáticas em seus espetáculos e que não possui uma base familiar delimitada.

Para a familiarização com o tema e descobrir estatísticas sobre o circo, também foram realizadas visitas à fundação Cultural de Curitiba e ao Sindicato dos Artistas e Técnicos em



Espetáculos de Diversão no Estado do Paraná (Seted-Pr). Nessas visitas foi possível comprovar a falta de publicações e informações atualizadas nessa área.

Em maio de 2010, foi realizada uma pesquisa quantitativa, com o objetivo de comprovar a hipótese de que a maioria da população não conhece a cultura circense e nem as suas diversas ramificações. Foram aplicados dez questionários em diversos locais da cidade de Curitiba, com pessoas de idades, classes sociais e escolaridade diferentes.

Em setembro do mesmo ano, foram realizadas as entrevistas para o livro e uma pesquisa etnográfica de três dias em dois circos de estruturas diferentes. Assim foi possível acompanhar a rotina diária dessas pessoas. Nesse período também foi feito o registro fotográfico das famílias, ensaios e espetáculos, que estão ilustrando o livro reportagem e o início de cada capítulo.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O processo de apuração e entrevista foi finalizado no dia 10 de setembro de 2010. Logo em seguida teve início o projeto gráfico e a diagramação. Com o intuito de realizar uma narrativa literária que relatasse as diversas formas da arte circense, a diagramação foi aliada às imagens. A finalização do processo de diagramação aconteceu no dia 25 do mesmo mês.

“O Espetáculo da Diversão” foi dividido em três grandes capítulos. Eles foram dedicados a contar a história dos circos escolhidos e em sub-capítulos foram apresentados os perfis de pelo menos três membros da mesma família ou organização. Além destes, foi apresentado um breve histórico sobre o circo no capítulo “Um pouco da história circense”, um apêndice, um apanhado da situação dos circos na atualidade e um *making off*.

As fotos e o colorido foram essenciais para exemplificar o tema e ilustrar o livro. Farina (2006), em seu livro *A Psicodinâmica das Cores em Comunicação*, explica que a cor é um elemento de estímulo imediato e que ela provocará diversas reações em seus observadores. É justamente essa reação de alegria e vivacidade que o livro pretende transmitir aos seus leitores. Cores como o amarelo, que transmite a vibração e a felicidade do show e o laranja, que significa o movimento apresentado no espetáculo serão cores utilizadas na capa e muito recorrentes no livro.

O público-alvo primário desse livro-reportagem é a população em geral, conhecedora ou não da arte circense.

O produto final possui 108 páginas. O livro tem 13 imagens, quatro delas são do arquivo pessoal de Marilene Queirolo. Não foi possível tirar fotos recentes do Circo Irmãos Queirolo, pois o grupo estava em recesso e não realizou nenhuma apresentação no período em que foi desenvolvido o livro. As quatro primeiras imagens foram escolhidas com o auxílio da própria família Queirolo em conjunto com a autora e, assim como as outras, buscam complementar e humanizar o texto. A última foto do livro, usada no *Making Off*, foi tirada por Rafael Martins Dias e teve como objetivo mostrar o envolvimento da autora com o tema e as experiências etnográficas vividas ao longo da construção do livro. As outras oito imagens foram tiradas pela própria autora.

A fonte utilizada para o título “O Espetáculo da Diversão”, *Carnevalle Freakshow*, foi utilizada com o intuito de garantir fidedignidade ao tema, que apresenta perfis relacionados ao mundo circense. A cor na capa, branca, garante contraste e melhor legibilidade graças a seus versaletes, contornos e específica serifa, que remete aos cartazes circenses de outrora. A aparente falta de continuidade nos contornos das letras é proposital, tendo em vista que essa fonte é manual e única (vide suas texturas dentro do próprio corpo de texto, que é exclusivo para cada letra), proporcionando mais proximidade com a ordem estrutural e formal da comunicação impressa dos circos e das suas formas tipográficas recentes, como os letreiros em néon.

Já que a capa apresenta em sua maioria a cor alaranjada. O cuidado ergonômico garante ao leitor conforto visual, garantindo a legibilidade do texto em relação ao parâmetro figura-fundo, tanto em relação à capa, como nas demais páginas miolo. Essa diferenciação garantiu também uma adequada segregação dos elementos gráficos, para que desse modo não houvesse conflito entre título e capa ou entre texto e fotografias.

Foi utilizada a fonte *Freehand 521 BT* com o intuito de parecer justamente manuscrito, aparentar a assinatura da autora do livro. A fonte foi utilizada em vermelho, para, assim como a capa em tom quente, garantir simbolicamente a ideia de força e poder estendendo suas características a iluminação do tom amarelo que confirmam, emblematicamente, à ideia de criatividade, alegria, espontaneidade e extroversão típicas do circo. A fonte *Prístina* foi utilizada com o mesmo intuito da fonte *Freehand 521 BT*. Escrever ao público de um modo que aproximasse o leitor, como se fosse um bilhete dirigido exclusivamente para ele. O tom amarronzado da fonte foi determinado a partir do fundo, para garantir legibilidade e legibilidade ao texto.

No miolo do livro foram determinadas duas fontes específicas: *Timeless e Copperplate Gothic Bold*. A primeira para o texto, devido a sua suavidade garantida pelo

estilo antigo, como o da fonte *Times New Roman*. Porém a transição entre grosso fino (na letra s, por exemplo) é mais moderada que a da *Times*, garantindo maior conforto visual durante a leitura, principalmente pelas suas ênfases diagonais e serifas delicadas. Já a *Copperplate Gothic Bold* foi escolhido por somar características de outras fontes. Ela ao mesmo tempo em que tem a robustez das serifas grossas (com pouca transição entre grosso e fino nos seus traços) garante também a delicadeza das fontes manuscritas, sem esquecer da diferenciação dos tipos decorativos. Por isso, os títulos principais além dessa característica foram determinados pela cor alaranjada pelos motivos já referidos anteriormente. Em suma, o principal foco da utilização das fontes, assim como suas cores, é garantir pregnância, ajustes óticos por meio de organização formal e compositiva simples, que se ajustassem às necessidades informacionais do livro.

O formato A5 (210 x 148 mm) foi escolhido por três razões. Uma delas devido ao formato prático e funcional, que garante com apenas uma coluna uma leitura fácil, rápida e confortável ao usuário-leitor, assim como dispor as fotografias dentro do contexto da diagramação, tendo em vista que a maioria delas está em formato “paisagem”. Outra razão foi devido a este formato remeter à figura do circo – da lona estendida que dá a ideia de “casa”. Outro motivo se deu em virtude do aproveitamento do papel, para evitar desperdícios e gastos com refiles desnecessários. Com esse formato, pode-se utilizar uma folha de papel em formato super A3 (329 x 483 mm) para impressão. Deste modo, além de econômico é ecologicamente correto, o que em princípio, todo projeto que envolve design deveria priorizar.

Garantido pela coerência do projeto gráfico, assim como pela leitura ergonômica do todo (critérios estéticos, simbólicos, cromáticos e tipográficos) o padrão da linguagem gráfica solicitou o uso do papel couché, com gramatura 115, para conferir ao leitor-usuário a minimização do brilho excessivo que qualquer outro tipo de papel poderia trazer ao produto, tendo em vista que o brilho excessivo causa irritante desconforto visual, sobretudo para uma leitura longa. Diferente do papel off-set comum, o papel couché é mais liso que aquele, garantindo um aspecto mais acabado, finalizado, já que essa característica garante uma impressão mais precisa e com maior qualidade, principalmente em relação ao material fotográfico. A média gramatura do miolo garante ao leitor-usuário folhear as páginas com facilidade, sem destruir as fibras do material celulósico e tampouco sair tinta das folhas durante o manusear. Em relação à capa, a gramatura 220 garante firmeza ao produto, conferindo maior durabilidade, graças às orelhas presentes tanto na contra capa como na capa principal. Ao mesmo tempo em que é firme, apresenta certa flexibilidade, para que o

manuseio do produto seja ainda mais prático e ergonômico, corroborando com o padrão da linguagem gráfica imposta ao livro. O custo de cada cópia foi de R\$70,00.

A escolha da capa tem o objetivo de mostrar algumas figuras características do circo, como a lona, por exemplo. A sombra da pessoa remete à construção do espetáculo e o que acontece “atrás das cortinas”, nos bastidores desse local. Além disso, a figura lembra o apresentador circense em um gesto de agradecimento ao público.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Depois de realizar a pesquisa etnográfica foi possível perceber claramente as três principais classificações do circo. Ao começar pelo Circo Áurea, um dos mais antigos do Paraná. Os laços familiares e a organização da estrutura apontam para o Circo Tradicional ou Familiar. Em contrapartida, o Circo Irmãos Romanos, com uma estrutura infinitamente maior e tarefas mais segmentadas, caracterizam o Circo Novo ou Contemporâneo. Por último, o Circo Irmãos Queirolo, que depois de mais de um século de existência, hoje pode ser classificado como Circo-Teatro, isso por causa da forma do espetáculo e da ausência da lona. Apesar disso, o laço familiar é um ponto em comum, mesmo nas maiores estruturas.

Nesse contexto também foi possível observar que a “fuga” para o interior é outro traço característico entre os circos analisados. A publicidade nesses locais é mais fácil e barata e quase sempre atinge toda a população. Carros de som e propaganda boca a boca são as saídas publicitárias mais utilizadas. É por isso que, atualmente é difícil encontrar um circo em um lugar privilegiado num grande centro urbano. A divulgação em qualquer veículo de comunicação da capital é extremamente cara e fora da realidade circense atual.

Foi possível concluir por meio das entrevistas que o circo é um espetáculo cultural permanente. Ele continua, ainda que com grandes transformações, encantando multidões. Independente das mudanças sofridas durante sua trajetória e da ascensão de outras formas de entretenimento, a tradição circense continua intacta. Diante de uma pesquisa detalhada foi possível encontrar resquícios da existência do circo tradicional mesmo nas grandes estruturas, como é o caso do Circo Irmãos Romanos. Mas, é evidente a emergência do circo moderno como uma forma de sobrevivência no contexto contemporâneo.

O presente trabalho cumpriu os seus objetivos e por meio do livro foi possível promover, a arte circense e mostrar ao público as diferentes formas e estruturas dessa organização cultural e de entretenimento. Além disso, ele resgatou as raízes culturais, antigas e recentes das famílias circenses.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACON, John. **Cirque du Soleil: a reinvenção dos espetáculo**. Tradução de Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BARONI, Francisco. **A arte circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas**. Revista Pensar a Prática - UFG. Goiás, ano 1, volume 9, p.81-99, jan/jun 2006.

BORTOLETO, M. A.; MACHADO, G. **Reflexões Sobre o Circo e a Educação Física**. Corpoconsciência, n. 12, p. 41-69, jul/dez. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O elogio da Bobagem**. Rio de Janeiro: Alice de Castro, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 1990.

COXE, Anthony Hippisley. **No começo era o picadeiro...O circo, arte universal**. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, ano 16, n. 4, p.1-40, mar. 1988.

FARINA, Modesto. **A Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FONSECA, Maria Augusta. **Palhaço da Burguesia**. São Paulo: Estética, 1979.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Unesp e Hucitec, 1998.

PIMENTA, Daniele. **Influência e Confluência**. [http://www.eca.usp.br/salapreta/PDF06/SP06\\_02.pdf](http://www.eca.usp.br/salapreta/PDF06/SP06_02.pdf) (acessado em 26 de março de 2010).

PIMENTA, Daniele. **Antenor Pimenta e o Circo-Teatro Rosário: uma história do circo-teatro no Brasil**. Dissertação de mestrado. São Paulo, ECA-USP, 2003.

QUERUBIN, Marlene. **O Marketing do Circo**. Mogi das Cruzes: Oriom, 2003.

SILVA, Ermínia. **O circo: sua arte, seus saberes. O circo no Brasil no final do século XIX a meados do século XX**. Campinas: Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Dissertação de Mestrado, março de 1996.

SILVA, Ermínia. **A Linha do Tempo das Artes Circenses**. Disponível em: [http://www.circonteudo.com.br/v1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1910%3Aa-linha-do-tempo-da-artes-circenses&Itemid=424](http://www.circonteudo.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=1910%3Aa-linha-do-tempo-da-artes-circenses&Itemid=424) (acessado em 17 de maio de 2010).

SILVA, Ermínia. **Circo-Teatro**. São Paulo: Altana, 2007.

TORRES, Antonio. **O Circo no Brasil**. Rio de Janeiro: Atrações, 1998.